

LEMBRAR E NARRAR: CONDUZIR A MEMÓRIA.

EUDES FERNANDO LEITE*

Este texto procura discutir narrativas de pantaneiros envolvidos com a prática da condução de boiadas em regiões do Pantanal, na sua porção localizada no atual Estado de Mato Grosso do Sul. Esta região é transfronteiriça na medida em que o Pantanal se estende para os territórios boliviano e paraguaio, e ali recebem a designação genérica de Chaco. Utilizando-se de um conjunto de entrevistas audiovisuais, realizadas entre 1995 e 1997 com o concurso da metodologia da história oral, é possível analisar a trajetória de vida dos condutores de boiadas e a formação de autorrepresentações diretamente relacionadas às histórias de vida dessas personagens.

As entrevistas, originalmente gravadas em fitas tipo VHS e cassete objetivaram, originalmente, recolher informações acerca da atividade de conduzir boiadas no Pantanal, prática ainda relevante no circuito regional, permitindo que se compreendesse a história das comitivas sob o enfoque da história cultural, considerando as transformações que a pecuária sofrera a partir dos anos 1950. O conteúdo informativo das fontes permite conhecer a inserção dos entrevistados no cosmos local e os mecanismos existentes entre a trajetória de vida, o trabalho e as viagens em seu formato amplo e indivisível, expondo traços da cosmovisão de pessoas mais afeitas ao universo da oralidade.

As entrevistas que servem de base a este texto se aproximam no que diz respeito à narrativa cujo conteúdo apresenta a história de vida e temática de três homens, condutores de boiadas. O exercício dessa profissão se confunde com a história de cada um deles, além de indicar o sentido existencial de homens e mulheres que *labutam* na pecuária pantaneira. Abrangendo um período que se inicia na década de 1930 e alcança a de 1990, as entrevistas expõem uma ampla cobertura, a partir da memória de atores centrais, sobre o processo de circulação de homens e animais bovinos na e para fora da planície pantaneira.

* Doutor em História. Programa de Pós-graduação em História (Mestrado e Doutorado). Universidade Federal da Grande Dourados.

Em 1995, em uma residência próxima à área central da cidade de Corumbá, urbe fundada em remota área da colônia na segunda metade do século XVIII, realizamos três entrevistas com o senhor Raul Medeiros¹. Nascido em 1915, na fronteira do Brasil com o Paraguai, em 1934 mudou-se para a o Pantanal, iniciando no ano seguinte suas atividades de “boiadeiro”. Seus antepassados saíram do Rio Grande do Sul para Mato Grosso cinco anos após o final da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), integrando um grupo de mais de cem pessoas em busca de novos locais para viver e criar gado. No outro espectro, os familiares de sua avó “desceram” da região de Cuiabá, atual Mato Grosso, para se fixarem na região pantaneira, próxima à cidade de Miranda, no hoje Mato Grosso dos Sul. Nas palavras do entrevistado:

Eles acharo que aqui tinha muita facilidade de ganha, tinha muita facilidade muitas terras vaga, luga muito bom, várias aguada. riacho, rio. Então viero uma caravana de cento e tantas pessoas quando meu bisavô vei prá cá, vieram com gado, com carreta, com cargueiro. Entraro por Uruguai, e na Argentina eles embarcaram o gado e a tropa; deram um jeito de embarcar em Assunção, Conceição até Bela Vista. [...] e compraro fazenda: 4 em Bela Vista e 3 aqui, no município de Nioaque e uma chácara lá em Bela Vista [...]. (ENTREVISTA Raul Medeiros, 1995)².

Provocada no contexto da entrevista, a memória do senhor Raul Medeiros oferece informações amplas a respeito da migração dos antepassados. Ainda que os detalhes não sejam numerosos é significativo que as lembranças se relacionem a um ponto significativo; espécie de ponto inicial, marco fundador a longa viagem do sul do Brasil para a planície pantaneira foi referida como o principio da história, ou pelo menos, da história de vida do entrevistado. Os nomes dos bisavós e os percursos feitos apresentam as ligações com o passado diaspórico de uma centena de pessoas que moveu-se na direção de uma nova história e, para tanto, passou pelo Uruguai, Argentina e Paraguai, construindo uma trajetória de deslocamento em que as fronteiras são transpassadas durante o deslocamento. Tal

¹ Emprego o plural (produzimos, realizamos etc.) unicamente para assinalar que o trabalho de realização das entrevistas de história oral, em todas as suas etapas, aqui utilizadas foi realizado em equipe.

² Optei de manutenção das características da forma de falar, utilizando a transcrição grafemática. Sabe-se da impossibilidade de transpor todos os elementos de uma gravação para a escrita, mas postulo que a manutenção de determinados componentes do falar é característica importante da cultura e diz respeito a presença da oralidade, um fenômeno pouco discutido pelos historiadores mas de importância central na pesquisa com fontes orais.

deslocamento é uma saída do território de origem, qual seja de uma região, seguido pela entrada em espaços territoriais estrangeiros para, novamente, retornar ao território brasileiro.

De certa forma, a trajetória dos antepassados parece reaparecer na história de vida do entrevistado, cujas longas viagens conduzindo animais se encerravam com seu retorno ao Pantanal, para em seguida iniciar mais uma nova jornada. O nomadismo se imporia como componente relevante da vida do entrevistado. Essa circunstância provocou significativas características na vida do senhor Raul e de sua família. Sua esposa foi acometida por doença e levada para tratamento nas cidades de Campinas e Rio de Janeiro, situação após algumas mudanças de uma fazenda para outra, obrigou ambos a saírem do Pantanal em direção à cidade de Corumbá e ai se fixarem em definitivo. Mas essa mudança solucionou parcialmente os problemas, impondo-lhe decisões de natureza complexa em relação aos doze filhos do casal e, conseqüentemente para a história de toda a família Medeiros.

Sempre próximo a integrantes da família Barros, grandes proprietários de terras e gado na sub-região pantaneira da Nhecolândia, o senhor Raul e a esposa entregaram dez de seus doze filhos para serem criados e educados por três desses fazendeiros: Chico [Francisco] recebeu seis; Gabriel, três e, Joaquim de Barros criou dois. Os outros dois filhos permaneceram com ele e a esposa.

Com outras características, a história parecia se repetir: quando decidiu se tornar condutor de boiadas, o senhor Raul levou em consideração o desaparecimento de seu pai e assunção de responsabilidade de cuidar dos irmãos mais novos que ficaram com sua madrasta. Embora tenha sido narrado sem maior teor emotivo, o episódio da distribuição dos filhos é revelador das relações sociais mantidas pelo entrevistado, atestando a extensão de sua prole e sinalizando o grau de aproximação mantida com parte da família Barros. Chico de Barros, Gabriel Vandoni de Barros e Joaquim Venceslau de Barros são descendentes de José de Barros, o mais celebrado pioneiro da região pantaneira próxima à Corumbá. Migrado da porção norte de Mato Grosso, na década de 1880, e acompanhando seu cunhado, José de Barros foi o patriarca de uma família que se espalhou pela região e cuidou de fundar fazendas,

tomar posse de grandes áreas, transformando a região – a Nhecolândia – numa grande propriedade em que a pecuária rústica e extensiva caracterizaria o ambiente pantaneiro.

É perceptível a proximidade construída pelo senhor Raul e os Barros, sempre lembrados ao longo da entrevista como padrões-amigos e gentis no trato. E nesse sentido é também possível verificar que a história de vida do senhor Raul Medeiros se confunde e forma uma espécie de peça importante no mosaico da história das fazendas, das famílias colonizadoras e da pecuária local, uma vez que ele e alguns outros condutores de boiadas foram um elo imprescindível na retirada do rebanho e a posterior entrega dos animais para serem abatidos ou engordados em outros locais.

Quando gravamos a entrevista, o senhor Raul Medeiros não viajava mais, embora mantivesse sua comitiva em atividade, sob a responsabilidade de um de seus peões mais antigos.

A história de vida do senhor Raul Medeiros é a narrativa de um viajante, cujo núcleo central mistura deslocamentos no interior da planície pantaneira, sempre envolto nas longas jornadas de condução de boiadas. Nessa trajetória, nos assegurou orgulhosamente que ao longo da vida, seu pai conduziu cerca de cinquenta mil bois, ao passo que ele teria sido responsável por transportar algo próximo a duzentos mil bovinos. A sua narrativa é toda marcada pelo universo pastoril, particularmente no trabalho de conduzir bovinos de uma região à outra, o que contribuiu para a formação de uma visão de mundo peculiar em relação aos outros trabalhadores ligados ao ambiente das fazendas de gado localizadas no Pantanal. A história de vida deste entrevistado abrange itens como migração, família, trabalho, religião, mundo natural, pecuária, entre alguns outros componentes atrelados a experiência consolidada e sempre referida ao longo da gravação.

Um depois, em 1996, nos avistamos com o senhor Fausto da Costa Oliveira. Também morador na cidade de Corumbá, na ocasião este condutor de boiadas contava 75 anos de idade. A sua trajetória de vida se espalhou ao longo de três encontros para gravação de entrevistas, ocasiões em que o trabalho e a devoção ao projeto de formação dos filhos

estiveram diretamente relacionados e se mostraram temas recorrentes nas entrevistas. Embora não tenha informado a respeito da origem e da trajetória de sua família, tampouco referiu diretamente aos pais ou avós, tal como ocorrera com o senhor Raul Medeiros, o núcleo da entrevista oferece informações substanciais para compreender as raízes rurais do senhor Fausto, especificamente no ambiente das fazendas de gado. O seu pai foi agregado em fazendas no Pantanal, o que impôs constantes deslocamentos e mudanças à família, sempre ao sabor da existência ou desaparecimento de oportunidades de trabalho nas propriedades, seja trabalho braçal na lavoura, seja como peão de fazenda. A condição de agregado implicava em trabalhar por empreitas, circunstância em que o trabalhador acorda com o patrão a realização de uma ou mais atividades de médio ou longo prazo na propriedade, sob um valor estipulado previamente ou por diárias pagas ao longo do tempo em que ocorria o trabalho. Encerrada aquela tarefa, o trabalhador e sua família podem ser dispensados e a se mudar da propriedade. Segundo o contou o senhor Fausto:

Eu nasci em fazenda, né. Criei, na idade de dez anos eu precisei trabalhar como empregado da fazenda; trabalhei, só numa fazenda trabalhei 16 anos. Mais tarde sai, já com vinte mais ou menos vinte e seis anos, e comecei a trabalhar, já como comprador de gado ajudando o meu irmão, como comprador de gado! Então, daí nós trabalhamos sete anos, aí passei já, aí arrumei uma namorada; namorei ela, mais ou menos sete anos, aí noivei com ela, aí já tava trabalhando pra mim. [...] Nós era uma família grande; mas meu pai toda vida foi pobre, mas um pai humilde que soube criar nós. Num ensino outra coisa, mais ensino nós trabalha né! E é aí que veio por exemplo de raça! Porque, com o meu emprego, eu formei meus filhos; o pobre trabalhando, agora vem exemplo do meu pai que me ensina a trabalhar né. E eu dei o exemplo pra família e pro filho [...]. (ENTREVISTA Fausto Costa Oliveira, 1996).

No rastro das ponderações a respeito do trabalho e seu sentido ao longo da própria vida, o senhor Fausto mencionou e descreveu diversas situações vivenciadas ao longo de suas viagens enquanto condutor de boiadas, no interior do Pantanal brasileiro. Enchentes, secas, travessias de rios caudalosos, estouro da boiada, relações com proprietários e com peões de sua comitiva, dificuldades financeiras e, a perda de seu próprio rebanho por conta da forte enchente ocorrida em 1974. Paralelamente às referências a esses tópicos, encontram-se as menções aos muitos locais em que esteve, de passagem, de saída ou como destino final das boiadas que conduziu. Neste ponto, sua narrativa é marcadamente topográfica ao referir aos

lugares e suas características, as quais foram qualificadas em estreita relação com o desenvolvimento do trabalho de condutor. Secas e enchentes recebem valorações estritamente subordinadas às dificuldades ou facilidades que apresentam para o viajante e sua comitiva; a travessia dos rios em períodos de alagamento impõe desafio de alcançar a outra margem com todo o rebanho e certamente com a própria vida preservada.

A narrativa do senhor Fausto Oliveira é subsidiada por sua existência no âmbito do mundo do trabalho, ou seja, o desenrolar de todo o enredo sugerido pelas intervenções e indagações do entrevistador é tomado como ponto de imersão na memória e em direção às experiências enquanto condutor de boiadas. Ao vincular seu trabalho às expectativas de garantir a formação de seus filhos – todos na área médica – a história de vida do entrevistado apresenta uma espécie de razão existencial e, ao mesmo tempo, normativa em que a condução dos bovinos é uma atividade difícil, pouco recompensadora em seus aspectos financeiros, mas aquela possível e suficiente para o sustento da família. Esse aspecto se torna relevante, no interior da entrevista, quando a perda de patrimônio sofrida com a enchente de 1974 e a impossibilidade de recuperação dessa riqueza – cerca de 1500 animais bovinos – é compensada, no interior do discurso, pela opção em favor da formação dos filhos. A condução de boiadas não é avaliada enquanto um legado para os filhos, mas é “honrada” e gratificante enquanto meio para alcançar outras vitórias. E ao mesmo tempo, conduzir boiadas por cerca de vinte e cinco anos oferece razões para certa sensação de dever cumprido, sinalizando também características identitárias do condutor: “[...] o maior orgulho que eu tenho é a hora que eu chego com a boiada que eu entrego pro, pro dono da boiada e ele fica satisfeito, esse que é o orgulho que agente deve ter!” (ENTREVISTA Fausto Costa Oliveira, 1996).

Comparadas as duas narrativas, do senhor Raul Medeiros e a do senhor Fausto Oliveira, encontramos a atividade de conduzir boiadas como traço comum. Mas elas se diferem em muitos aspectos, um dos quais pode ser rapidamente lembrado aqui: as observações feitas em relação a temas e questões indiretamente ligadas ao cotidiano das boiadas. Raul Medeiros, por exemplo, é muito enfático quando expõe opiniões acerca de temas políticos, ao passo que Fausto Oliveira é econômico e demonstrou pouca importância

quando provocado a comentar assuntos relacionados a tal tema. Em linhas bastante amplas, é possível verificar que a narrativa construída por ambos possuem direções distintas: o senhor Raul Medeiros preocupa-se em vincular suas observações a elementos do cotidiano em que se encontra, demonstrando uma perspectiva exógena em suas lembranças e principalmente nas relações que estabelece entre estas e o entorno. Por sua vez, Fausto de Oliveira trata do passado, especificamente de sua trajetória de forma a relacioná-lo ao ambiente da pecuária e do Pantanal, revelando poucas perspectivas de vincular sua história ao contexto macro da região ou mesmo nacional. A exceção ocorre quando trata das dificuldades em obter empréstimos bancários.

Em 1997, produzimos uma entrevista com o senhor Gonçalo Silva, outro condutor de boiadas no Pantanal. Aos setenta e dois anos naquela ocasião, o senhor Gonçalo narrou parte de sua história de vida na região, assinalando duas origens rurais, destacando ao longo da entrevista a permanência dessa condição durante toda a sua vida. Filho de uma mãe solteira desde muito cedo foi levado ao mundo do trabalho e da circulação entre propriedades no Pantanal; em geral realizando pequenos trabalhos até adquirir confiança dos patrões e se fixar por algum tempo em determinada fazenda; sua vida profissional incorpora atividades como a de peão, capataz até a de condutor de boiadas. Segundo nos contou:

Eu fui criado sem pai, eu fui filho de uma mãe solteira, né! Num tive colégio assim, qué dizê, estudei; aí eu tive uma patroa que era professora. Ela gostava muito da gente e me dava umas aula de vez em quando insinuava de noite. Dava umas aula pra gente, né! Foi o que eu aprendi assim [...]. (ENTREVISTA Gonçalo Silva, 1997).

Embora possa ser classificado como um narrador falante, a entrevista com o senhor Gonçalo apresenta poucas alusões à trajetória de sua família. Quando mencionou sua origem, não demonstrou maior interesse em discorrer sobre a linhagem familiar ou a respeito do seu pai, o qual se infere que não conheceu. Considerando-se outros pontos da entrevista, é possível imaginar que a ausência da figura paterna se transformou em ponto obscuro e doloroso em sua trajetória, merecendo o ocultamento da figura paterna, que a narrativa sugere. O centro de sua narrativa compreende a experiência de vida enquanto trabalhador de

fazendas e condutor de boiadas no Pantanal. E foi a partir dessa trajetória que ele tratou dos desdobramentos de sua história, principalmente em relação aos valores morais que sustentaram os procedimentos adotados em relação aos filhos e no exercício de sua profissão: “Eu procurei sê direito, né!”. (ENTREVISTA Gonçalo Silva, 1997). Tal como o senhor Raul Medeiros, a família Barros ocupa lugar de destaque nas lembranças, principalmente quando se trata de mencionar “fazendeiros e patrões antigos” no Pantanal. Diferentemente dos outros dois condutores – Raul e Fausto -, os filhos do senhor Gonçalo não cursaram faculdade; um deles trabalhou algum tempo com o pai e quando realizamos a entrevista, estava viajando como condutor de boiadas. Ainda que não tenha estimulado os filhos a permanecerem na estrada, acabou apoiando um deles a ser condutor e possuir a própria comitiva.

No que se refere a sua principal atividade de trabalho, a condução de boiadas, o senhor Gonçalo Silva iniciou suas viagens no ano em que a região pantaneira sofreu a mais expressiva enchente, a de 1974, especialmente para aqueles entrevistados dedicados ao trabalho no campo. Esse aspecto se tornou marcante na história de vida – e do trabalho – do entrevistado, pois a enchente provocou um intenso movimento de deslocamento do rebanho pantaneiro, em direção a regiões mais afastadas do alagamento verificado no Pantanal ou mesmo para propriedades localizadas fora do então estado de Mato Grosso. Neste sentido, o deslocamento e os caminhos aparecem com insistência na entrevista, expressando características importantes do fenômeno e, ao mesmo tempo, sinalizando que a transumância foi – e é – uma prática nutrida pela relação do homem com o espaço e com o tempo. São os caminhos e travessias que reforçam ou inibem a atuação da comitiva, impondo ao condutor a tarefa de conduzir os bovinos, planejando e supervisionado todo o conjunto de peões integrantes da equipe.

As entrevistas ocorreram sob a perspectiva de registrar informações sobre histórias de vida de pantaneiros, independente de suas atividades na região ou ainda de suas ligações com o espaço urbano da cidade de Corumbá, no Mato Grosso do Sul. Diversas pessoas, entre homens e mulheres, foram entrevistadas, o que proporcionou um leque variado acerca das narrativas a respeito da região e das histórias gravadas. A partir disso, alguns trabalhos foram

desenvolvidos, obedecendo a objetivos e abordagens teóricas distintas, mas que trataram de estudar algum aspecto importante em relação às narrativas pantaneiras.

E ao contemplar as três narrativas (re)tomadas aqui, se torna possível encontrar diversos elementos inerentes ao trabalho com as fontes orais, desde a sua produção, até a análise do conteúdo registrado. Os entrevistados possuíam cada um, 72, 75 e 80 anos de vida, o que os coloca numa faixa etária muito próxima, além do ponto mais importante que os relaciona: todos eram condutores de boiadas e tiveram sua origem no mundo rural.

A origem social dos entrevistados é idêntica e os vincula desde sempre ao trabalho no ambiente das fazendas, principalmente das grandes propriedades pastoris instaladas no Pantanal desde os anos 1880. Ambiente diversificado e complexo, o Pantanal brasileiro é dividido em 9 sub-regiões a partir das identificações de solo, relevo e vegetação e, em geral, homogeneizado pela alternância de secas e enchentes e pela ocorrência de flora e fauna exuberante. Mas essa planície, ao ser ocupada por grandes propriedades a partir do período acima referido, foi transformada numa gigantesca invernada dotada de pastagem natural abundante, extremante propícia para a criação bovina em larga escala. O produto principal dessa atividade, o boi magro, durante longo tempo foi um produto pouco lucrativo, sobretudo pelas distâncias em que as fazendas estiveram localizadas.

Atravessadas pela longa ligação com o espaço das fazendas, as narrativas contemplam referências às experiências no cotidiano das mesmas e oferecem informações para compreender certa padronização na organização e na vivência cotidiana nessas propriedades. As três entrevistas ora observadas apontam, cada qual a seu modo, para as dificuldades em realizar o transporte de gado por meio das comitivas, permitindo que se enxergue nesse trabalho uma ação direta do homem sobre o mundo natural. Nesta ocasião o homem-proprietário-condutor subordina e conduz o bovino, manejando e remanejando-o de um local a outro, atribuindo significados diversos ao animal que foi transformado numa mercadoria-alimentar de importância vital na cultura ocidental. Conduzir a boiada é tarefa inerente ao campo e é complemento de outra atividade, aquela que reduziu componente do mundo natural aos interesses humanos.

Em sentido complementar – e até mesmo oposto - ao conduzir o rebanho, ou a boiada, conjunto de animais bovinos escolhidos para futuro abate e consumo, o homem-condutor se defronta com os constrangimentos que o mundo natural impõe. Neste caso, as enchentes e certos aspectos derivados do moroso processo de conduzir segura e pacificamente milhares de animais. As dificuldades com tais fenômenos se relacionam às tendências do mercado consumidor do rebanho, o que provoca alterações no ambiente de trabalho dos condutores à medida que os preços do gado bovino passam a considerar os eventuais obstáculos no transporte desses animais.

As três entrevistas associadas possibilitam ainda compreender como certos tópicos realçam as características da memória construída ao longo dos anos, sobre “lombos de burro”. Quando se trata de verificar as principais referências ao espaço e ao tempo, as entrevistas favorecem a percepção de que acontecimentos como a enchente e seu impacto sobre a viagem são marcos para a construção da memória dos entrevistados, indicando o grau de profundidade que tais circunstâncias adquiriram na trajetória vital de cada um dos condutores. As enchentes, por exemplo, ao serem lembradas aparecem como fenômeno negativo porque dificultam a viagem, especialmente quando os rios se espraíam para fora de seus leitos; as travessias do gado transformam-se num momento tenso e perigoso: canoieiros e peões induzem e conduzem, aos poucos, todo o gado de uma margem a outra do rio, flertando intensamente com a morte.

Ao lembrar-se desses momentos, os entrevistados são minuciosos na descrição, informando o nome do lugar, do rio e por vezes o ano de uma travessia desafiadora e, por vezes, marcada pela perda de dezenas de animais mortos no leito do rio. Nos rios do Pantanal, os locais de travessia são conhecidos como portos, recebem nomes e a maioria desses lugares é mencionada de forma recorrente pelos entrevistados, a exemplo do Porto Rolom, às margens do Rio São Lourenço, divisa entre os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Alcançar o porto é um marco significativo numa viagem porque implica chegar a local-referência na experiência espaço-temporal da comitiva. Lembrar-se desses momentos é também reafirmar a identidade de condutor habilidoso, líder de um conjunto de peões responsáveis por zelar de

um rebanho – riqueza material e simbólica na região – a ele entregue a partir de acordos em que estão em jogo o trabalho e a confiança entre homens.

As narrativas dos três estiveram assentadas pela memória do deslocamento no Pantanal e esta memória é produto de uma série de acontecimentos responsáveis por assinalar de forma significativa a história de vida dos entrevistados. Referências aos valores morais, à educação dos filhos e as dificuldades econômicas só adquirem sentido quando articuladas com o universo da comitiva e das viagens. Suscitadas pelas indagações e ponderações feitas durante as entrevistas, a lembranças que emergiram destacaram trajetórias existenciais moldadas por obstáculos econômicos, culturais e naturais. O longo tempo em que os entrevistados estiveram vinculados às suas comitivas, combinados com a frequência e intensidade das situações experimentadas legaram lembranças conformadoras de uma memória comum, sem deixar de apresentar especificidades, e que mostram muito da cultura, do “modus vivendi” regional.

Referências bibliográficas e fontes orais.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**; lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

ENTREVISTA Fausto da Costa Oliveira (Filme-vídeo). Produção Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: CEUC/UFMS, 1996. 240min (aprox..), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Gonçalo Silva (Filme-vídeo). Produção Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: CEUC/UFMS, 1997. 120min (aprox..), color., son., VHSc.

ENTREVISTA Raul Medeiros (Filme-vídeo). Produção Eudes Fernando Leite & Frederico Augusto G. Fernandes. Corumbá: CEUC/UFMS, 1995. 300min (aprox..), color., son., VHSc.

FERNANDES, Frederico Augusto G. **Entre histórias e tererés**; o ouvir da literatura pantaneira. São Paulo: Edunesp, 2002.

FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Edufgv, 1996.

LEITE, Eudes Fernando. **Marchas na história**; comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal. Campo Grande: Edufms, 2003.

_____. A vida e o trabalho: camaradas e peões em fazendas de gado no Pantanal. In: _____ & FERNANDES, Frederico (orgs.). **Trânsitos da voz**; estudos de oralidade e literatura. Londrina: Eduel, 2012. p. 163-188.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. (Rio de Janeiro), vol 5, no. 10, p. 200-215, 1992.